

Argemiro

Estava de cama, onde fiquei retido 15 dias por uma formidável gripe, como as sabe fabricar o nosso clima variável e a invariável sujidade municipal, quando recebi tua longa carta de 17 do mês passado.

Mais ou menos na mesma época recebi uma atenciosa carta dos redactores do "Parlamentarista", acompanhada de alguns números do jornal; infelizmente porém, nenhum deles trazia já o teu formidável 42. Já iniciiei a minha colaboração enviando outrem um artigo assim baptizado: "O Congresso Federalista" e a sua preparação. Como vês, o género é sério e solene, mas ainda assim creio que não agradaria muito ao Directorio Central, se este se dene ao trabalho de lê-lo; tem uns tons de censura à nova direcção suprema. Vou deixar passar alguns números e depois voltarei à carga, expondo em linhas gerais o que deveria ser o programma do Congresso.

Entrementes eu poderia desenvolver o seguinte tema: Ensinamentos politicos da boufapracão Europeia. Apesar de não possuirmos aqui neste buraco uma documentação abundante, é irrefragável que a grande guerra demonstra a grande superioridade do sistema parlamentar. Esta superioridade está ainda mais demonstrada com a recente queda do governo italiano, apesar do que espíritos superficiais

poderiam fulgar à primeira vista. Houve um descuido
 de parte do governo na defesa do Trentino; os austríacos
 avançaram em território italiano, sendo, porém detidos.
 O governo teve que explicar ao país a verdade da situa-
 ção e o erro cometido. Por maior que fosse a indulgência
 do Parlamento ao fulgar o governo, um facto subsistia:
 a falta de confiança nos ~~no~~ gabinete, o que traria
 o desassossego da nação. Assim a queda do gabinete
 em lugar de ser um inconveniente, foi um investi-
 mável benefício. ~~Não~~ sistema presidencial o país
 teria que continuar a ser governado por homens que
 já lhe não mereciam confiança ou teria que
 fazer revolução. Esta é a superioridade prática do siste-
 ma; há também a superioridade moral, que resalta
 no brilhante discurso de Salandra; é a satisfação plena
 que se dá ao país até dos próprios erros, é a indiferença
 a nobreza com que se abandona o governo a quem
 esteja em melhores condições para exercê-lo. Pala-
 bras como as de Salandra, só o sistema parlamen-
 tar pode fazer ouvir.

Infelizmente é verdade o que tu dizes da anarquia
 federalista; creio, porém, que há demasiado pessimismo.
 O Borgismo cairá, não de fôbre sómente, mas devido
 também a algumas varadas que nós lhe havemos
 de dar. O partido federalista tem uma grande força
 emotiva; a prova é que, apesar dessa anarquia

toda, eu sinto verdadeiro orgulho de ser federalista. A questão, pois, é saber dirigir, é saber aproveitar esta força, é será possível que não se consiga? Se comparecerem ao Congresso cinco ou seis delegados que pensarem assim e fôrem capazes de falar e martelar, muita coisa se havia de conseguir.

Não tenho falado com o Olinto, em virtude de minha moléstia. Ele também andou doente.

A crise de que te queixas é forçosamente passageira. Tais oscilações são muito naturais e não te deves preocupar com elas.

A minha tese está parecida com a "História de um atomo" do nosso conhecido João de Eça.

Hoje tentei começar a escrevê-la; faltou-me, porém, a inspiração e resolvi-me a escrever-te esta carta.

Li o livro do Pedro Góris, que me foi emprestado pelo Rubem Rocha; a coisa mais forte que nele se encontra é a pretensão, patente até na feição material do livro, de combater o Medeiros; há verdadeiras juvenildades e até contradições. Estão quasi acompanhando o Álvaro nesta fórmula um tanto exclusivista: «quem não é parlamentarista é burro» (ou esualhe?).

Fico hoje por aqui. Recomendações ao Sr. Modesto e um abraço de

Paul

Porto Alegre, 13 de Junho de 1916